



Centro dos Direitos Humanos de Joinville Maria da Graça Bráz - Rua: Dr. Plácido Olímpio de Oliveira, 660, Bucarein.
Contato: (47) 30225-3452
Site: www.centrodireitoshumanos.org.br

Algumas considerações sobre a extrema direita, células neonazistas, supremacismos e os direitos humanos

1. O crescimento da extrema direita

O Centro de Direitos Humanos Maria da Graça Bráz, de Joinville, vem a público se manifestar a respeito do surgimento de células neonazistas, o protagonismo da extrema direita e seus efeitos na política brasileira e catarinense.

O cenário mundial e, especialmente americano, está marcado por vitórias eleitorais da extrema direita. A começar pelo centro do império, com D. Trump, seguido por vários representantes desta linha política: Milei na Argentina, Kast no Chile, Rodrigo Paz na Bolívia, Espriella na Colômbia, Santiago Peña no Paraguai e Bukeke em El Salvador. A Venezuela no início deste ano de 2026 sofreu intervenção direta dos EUA, como sequestro do Presidente Maduro, e Cuba, sufocada a anos pelo bloqueio imposto pelos EUA, hoje se encontra em situação de estrangulamento econômico. Na Europa, cada vez mais irrelevante sob o ponto de vista da política internacional, há inegável crescimento da extrema direita, que controla os governos da Itália, Hungria e Polônia, mas participa de outros governos conservadores como na Áustria, Finlândia e Suécia, para citar apenas alguns.

O governo sionista de Israel, caracterizado desde a fundação do Estado, em 1948, pelo supremacismo, a partir de 2023 perpetra o maior genocídio do Séc. XXI com apoio do imperialismo estadunidense e da extrema direita mundiale dacumplicidade da quase totalidade da chamada comunidade internacional.

No Brasil, a partir de 2013 também ocorre inegável crescimento de uma extrema direita sob comando da família Bolsonaro. Aliados de Bolsonaro ocupam governos e municípios no Brasil, com projetos semelhantes aos demais governos de extrema direita: política econômica ultraliberal, sucateamento de serviços públicos, supressão de direitos trabalhistas e previdenciários, sempre acompanhado de discursos que estimulam o racismo, machismo, a misoginia, LGBTQIAPN+fobia etc.

O discurso da extrema direita repercute diretamente no aumento da violência policial e no encarceramento em massa da juventude pobre como se verifica na política de Tarcisio/Derrite em São Paulo e no massacre ocorrido nos Complexos

da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro, que resultou em 122 mortes, a operação policial mais letal das últimas décadas, superando Carandiru, com as suas 111 mortes.

Santa Catarina, em recente relatório[1] produzido pela Articulação para o Monitoramento dos Direitos Humanos no Brasil em parceria com o MNDH-SC[2], aparece como um estado cuja violência e a letalidade das intervenções policiais vêm crescendo de maneira alarmante, sobretudo nas cidades litorâneas e na periferia da capital. O relatório denuncia a existência de um “modus operandi” das forças de segurança, que vitima jovens pobres, periféricos e majoritariamente negros.

Nesse sentido, apesar de Florianópolis figurar entre as capitais mais seguras do país, dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, citados no documento, apontam para um crescimento de 79,5% nas mortes por ação policial em Santa Catarina entre 2022 e 2023, que ocorrem sob o olhar complacente das autoridades de segurança pública do estado.

Em Joinville, na última eleição municipal, ao menos dois candidatos disputavam o título de “mais à direita”, ou mais alinhado ao bolsonarismo, fenômeno que se repetiu na Câmara de Vereadores.

O resultado da política reacionária em Joinville, além do sucateamento e privatização de diversos serviços públicos, pode ser percebido pelo ataque às pessoas em situação de rua. Ao contrário do enfrentamento do problema no campo das políticas públicas de saúde e assistência, prefeitura e vereadores arrastam o problema para o campo da segurança pública, no sentido de estigmatizar os setores mais vulneráveis da população sem, obviamente, oferecer qualquer solução real. Assim, pautando-se em nada mais do que propagando ideológica, se elege, em um grupo de sujeitos de direitos, já marginalizados e vulnerabilizados, um inimigo a ser atacado.

2. O problema da caracterização da extrema direita e do fascismo

No famoso livro “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, Marx escreveu:

Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. [...] Os homens fazem sua própria história, contudo, não a fazem de livre e espontânea

vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. [3].

Nas primeiras décadas do Séc. XX aparece na Europa, mais precisamente na Itália e na Alemanha o fenômeno do fascismo. Embora derrotado ao final da Segunda Guerra, não desaparece da face da terra e deixa algumas sementes com maiores ou menores chances de germinar, não necessariamente no mesmo solo, mas adaptadas a outros territórios e climas políticos.

Depois da Segunda Guerra, o escritor e dramaturgo alemão Bertold Brecht teria dito que a “cadela do fascismo está sempre no cio”. Ou seja, ao ressurgir as condições que levaram ao fascismo há sempre o risco do seu reaparecimento.

Umberto Eco ainda na década de 90, publicou um pequeno livro intitulado “Fascismo Eterno”[4], ou Ur-Fascismo. Para ele, essa ideologia não é produto exclusivo de uma determinada época, que teria acabado ao fim da Segunda Guerra, mas permanece a assombrar o mundo quando, ao menos um dos aspectos por ele apontados, se encontra presente. São eles: 1) culto à tradição; 2) rejeição à modernidade; 3) culto da ação pela ação; 4) Discordância passa a ser considerada traição; 5) medo da diferença; 6) apelo à classe média frustrada; 7) obsessão por conspirações; 8) inimigos como ameaça constante; 9) vida como guerra permanente; 10) elitismo popular; 11) culto ao heroísmo; 12) machismo exacerbado; 13) populismo qualitativo; 14) novilíngua.

Não há necessidade de pensar muito para constatar a presença de vários destes aspectos na realidade brasileira e de várias outras nações. De todo modo ainda não vivenciamos uma ditadura de viés fascista.

Robert Paxton, cientista estadunidense, em sua “Anatomia do Fascismo”[5], relaciona algumas características, não apenas para definir o fascismo, mas para compreender o contexto em que surgiu: 1) profunda crise nacional; 2) vitimização da comunidade; 3) culto à unidade e pureza; 4) movimento de massas nacionalistas; 5) colaboração com elites tradicionais; 6) violência redentora; 7) dismantelamento da democracia.

Para Paxton, governos autoritários, como de Franco na Espanha e Salazar, em Portugal, não podem ser definidos como fascistas por várias razões, mas principalmente pelo fato de que tais governos não buscavam uma legitimação nas massas. Na linha deste autor, os governos da ditadura militar no Brasil, não se enquadrariam na definição de fascistas.

A literatura marxista é muito ampla e variada quanto à caracterização do fascismo. De todo modo, sob esta ótica, o fascismo sempre será compreendido no campo do materialismo histórico, ou seja, não é um problema localizado na mente enviesada de determinados indivíduos, mas o resultado das lutas de classes e das relações materiais de produção. Tanto na Itália quanto na Alemanha, aqueles regimes surgiram após graves derrotas da classe operária, como uma reação ao socialismo e amplo apoio da classe dominante, tudo isso agregado à derrota na Primeira Guerra Mundial.

Tal análise não deve desprezar os aspectos subjetivos como parte do contexto político. Foi o que fez Antônio Gramsci com o conceito de hegemonia, quando buscou a articulação entre a economia e a política com as dimensões de subjetivação.[6] Na tentativa de explicar a ascensão de Mussolini, Antônio Gramsci, ele próprio vítima do fascismo italiano, escreveu em seus Cadernos do Cárcere:

Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais “dirigente”, mas unicamente “dominante”, detentora da pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam, etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, verificam-se os fenômenos patológicos mais variados.[7]

A falta de perspectivas positivas no capitalismo e suas formas políticas tradicionais e as derrotas revolucionárias geraram um processo de frustração geral que abriu caminho para o fascismo.

Mas, como dito, o avanço da direita não significa necessariamente ascensão ou retorno do fascismo. A classe dominante, a depender do momento histórico e da posição ocupada pelas classes sociais, adapta-se ao regime que melhor lhe convém – desde a democracia liberal até formas autoritárias como o fascismo e o bonapartismo.

3. Nazismo em Santa Catarina

No ano de 2024 o Conselho Nacional de Direitos Humanos elaborou o “Relatório da Missão de Investigação sobre Células Neonazistas no Estado de Santa Catarina”[8].

Ao partir de aspectos históricos que envolvem a colonização germânica e a

adesão de parte da população, especialmente na região de Blumenau entre os anos 20 e 40 do século passado, o relatório do CNDH é correto ao afirmar que “as circunstâncias políticas, sociais e econômicas” são distintas em relação àquelas do passado, portanto, “tratando-se de manifestações de caráter neonazista no Brasil, não há necessariamente continuidade entre o fenômeno do passado e o atual”[9].

Em seguida o relatório apresenta uma série de casos envolvendo manifestações caracterizadas como neonazistas em ambiente escolar. Parte considerável destes casos foram repercutidos na mídia nos últimos anos.

A maioria dos casos citados é pontual, pois, não faz parte de uma estrutura organizada, centralizada, articulada ao menos em âmbito regional. Mas há situações que demandam maior preocupação. Um exemplo é a organização denominada FOPE (Força Patriótica Estudantil). Agora trata-se de uma organização, com personalidade jurídica, que tem por finalidade uma educação militarizada. Para o movimento “Humaniza-SC”, “as imagens da FOPE se assemelham à militarização infantil da Itália fascista de Mussolini”. [10] Além da FOPE, o governo Bolsonaro e seu fiel apoiador Jorginho Melo, implementaram várias escolas cívico-militares. Estas unidades educacionais não têm por finalidade a formação militar, mas a utilização de métodos militarizados, com a finalidade de impor disciplina no ambiente escolar, com apoio de profissionais da segurança pública, inclusive policiais aposentados, sem qualquer formação pedagógica. Esta política implementada pelo bolsonarismo possui claro viés de doutrinação ideológica.

Ponto importante do relatório estabelece uma intersecção entre o neonazismo com casos de racismo, intolerância, LGBTQIAPN+fobia, violência política de gênero e xenofobia racializada. Segundo o relatório, “trata-se de ações e silogismos típicos de movimentos fundamentalistas, que, assim como a ideologia neonazista, têm como premissa uma visão de superioridade e domínio de determinados grupos em relação aos *outros*”[11].

Ao final o relatório constata que há reduzida e insuficiente resposta institucional diante dos casos de denúncia nos últimos anos. A falta ou insuficiência de respostas é preocupante, pois, o que podemos aprender com o fascismo italiano e com o nazismo é que os dois fenômenos políticos foram normalizados pelo conjunto dos Estados até o limite. Tanto assim, que não se compreende o nazismo por meio dos campos de extermínio, sua prática mais conhecida, mas pela política alemã dos anos 1920 até 1933.

Com isso é possível concluir que o fascismo não se encontra impregnado na sociedade brasileira, mas os sinais que aqui destacamos, merecem atenção. Também é possível afirmar que a ascensão da extrema direita precisa ser compreendida no processo de polarização das lutas de classes, sendo este, um terreno análogo àquele da Itália fascista e da Alemanha nazista. É a citada condição material decorrente do estado de coisas nas relações de produção.

4. Santa Catarina é um Estado nazifascista?

Do ponto de vista estratégico, nada mais equivocado do que caracterizar uma unidade da federação como nazista, fascista ou como povo mais reacionário do Brasil. Proceder desta forma, significa dar as costas para a população, especialmente para a classe trabalhadora.

O crescimento da extrema direita é um fenômeno mundial e precisa ser compreendido no movimento das classes sociais e no atual estágio do imperialismo. No Brasil, apenas para lembrar, o bolsonarismo surgiu no Rio de Janeiro, um estado que enfrenta elevado nível de degradação da política institucional e possui boa parte do território controlado por milícias e outras organizações criminosas entranhadas no poder local. Desde o momento da democratização cinco governadores do Rio de Janeiro enfrentaram a prisão sob acusação de corrupção, além de outros dois que, embora não tenham sofrido restrição da liberdade foram afastados do cargo. Foi no Rio de Janeiro, em 2025, que ocorreu a operação policial mais letal da história do Brasil. A denominada “Operação Contenção”, a pretexto de conter o Comando Vermelho, resultou na morte de 121 pessoas, superando os 111 do Carandiru, em 1992.

São Paulo, é governado pelo bolsonarista carioca Tarcísio de Freitas, que manteve um secretário de segurança pública que se vangloria pelo número mortos que tem em sua conta. A região centro-oeste, também dominada pelo bolsonarismo tem no chamado agronegócio seu principal suporte econômico e ideológico – uma espécie de vanguarda do atraso no Brasil.

Santa Catarina não destoa deste movimento, que assola com bastante vigor toda a região Sul do Brasil, prova disso é que desde 2020 pelo menos 30 prefeitos foram presos no estado^[12], sob acusações de corrupção, todos vinculados aos partidos políticos de direita.

Estigmatizar uma população como reacionária, além de mero impressionismo, confronta com dados importantes da realidade política do Estado.

Historicamente, Santa Catarina foi palco de um dos maiores conflitos armados

do país – a guerra do contestado, no início do Século XX. A Região Sul do Brasil, incluindo Santa Catarina, foi o berço do maior movimento social do país, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Também não foi desprezível a luta dos trabalhadores mineiros do sul do Estado e do movimento operário nas indústrias de Joinville e Jaraguá do Sul. Em 1979, durante a visita do último presidente da ditadura militar, João Batista Figueiredo, a população de Florianópolis, impulsionada pelo movimento estudantil, protagonizou o episódio conhecido como “Novembrada”, que literalmente expulsou o ditador da cidade.

Sob o ponto de vista eleitoral, no ano de 2002 Lula fez 1.719.739 votos contra 707.239 de José Serra no primeiro turno. No mesmo pleito, Carlito Merz e Luci Choinacki foram os deputados mais votados do Estado, onde o PT constituiu a maior bancada, com 4 deputados federais. No mesmo ano Santa Catarina elegeu uma representante para o Senado Federal.^[13] Entre os anos 90 e início dos 2000, O Partido dos Trabalhadores governou importantes cidades de Santa Catarina, como Blumenau, Criciúma, Joinville, Brusque, Chapecó e Itajaí.

Infelizmente, o quadro atual é muito diferente. A extrema direita controla o governo do Estado e a quase totalidade das prefeituras, além dos legislativos estadual e municipais. Embora tenha ocorrido uma queda em relação aos anos anteriores, a extrema direita também domina manifestações de rua. Mas, reitera-se, este fenômeno não é exclusivo de Santa Catarina.

A mesma Santa Catarina de Zé Trovão e Júlia Zanatta, é a Santa Catarina de Anita Garibaldi, Cruz e Souza e de Paulo Stuart Wright. Assim como Alagoas é de Arthur Lira ao mesmo tempo que é de Graciliano Ramos; o Rio de Janeiro é dos 8 governadores presos e de Carlos Lamarca; Minas Gerais é de Zema, mas também de San Tiago Dantas. Enfim, todo estado e todo território são dialeticamente atravessados pela Luta de Classes.

Quanto às células neonazistas, é necessário denunciá-las e exigir uma resposta institucional. Porém, para frear o avanço da extrema direita, não há outro caminho senão a unidade das organizações da classe trabalhadora, no sentido de oferecer alternativas distintas daquelas apresentadas pela direita. Afinal, na atualidade, a direita adquiriu o monopólio da crítica ao sistema, mesmo que trabalhe em favor dele. Enquanto isso, as antigas organizações de esquerda se apresentam como defensoras das instituições, mesmo que elas sigam trabalhando contra o povo trabalhador.

No campo das lutas de classes, a classe trabalhadora precisa reagir — mas reagir para defender seus interesses de classe, e não simplesmente a

democracia em sua forma abstrata. Nos últimos anos, a extrema direita conseguiu convencer a chamada classe média e setores importantes da classe trabalhadora de que esse modelo de democracia é ineficaz, assim como os movimentos fascistas do início do século passado também convenceram.

A defesa da educação pública, o combate ao ensino militarizado promovido pela extrema direita, a valorização dos serviços públicos, a redução da jornada de trabalho (basta observar a importância da luta contra a jornada 6x1), a defesa da previdência, bem como a luta contra o racismo, a misoginia (Santa Catarina apresenta altos índices de feminicídio), contra a LGBTQIAPN+fobia e todas as formas de discriminação podem constituir o principal antídoto contra a extrema direita, que diferentemente de células e organizações neonazistas, está entranhada em todo o território brasileiro, não é mais um risco, uma dúvida, ou exceção, é a manifestação política total (simbólica e material) da classe dominante e sua ideologia.

[1]“Relatório Mortes Violentas Decorrentes de Intervenção Policial na Grande Florianópolis” - <https://monitoramentodh.org.br/relatorio-violencia-policial-grande-florianopolis-aumento-mortes/>

[2]<https://monitoramentodh.org.br/>

[3] MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

[4]ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2018.

[5]PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

[6] MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 33.

[7]GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere (Vol. 3): Maquiavel. Notas sobre o estado e a política**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023, p. 202.

[8]Conselho Nacional dos Direitos Humanos. **Relatório da Missão de Investigação sobre Células Neonazistas no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 2024.

[9]Conselho Nacional dos Direitos Humanos, p. 7.

[10] Conselho Nacional dos Direitos Humanos, p. 20.

[11] Conselho Nacional dos Direitos Humanos, p. 35.

[12]<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2026/05/19/com-nova-prisao-santa-catarina-chega-30-prefeitos-presos-desde-2020-veja-lista.ghtml>

[13] Tribunal Regional Eleitoral-SC. <https://apps.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/2002/ResultFinalE20021.htm#Presidente>